

História missioneira em tópicos (Parte 1) *

Formação da sociedade colonial

No século 16, a chegada dos europeus provocou mudanças radicais no cotidiano das sociedades nativas, habitantes do território sul-americano. Chamados de índios – como se fossem todos iguais – tiveram diferentes reações diante da presença do conquistador, usando estratégias como o enfrentamento direto, a aliança e a fuga para locais de difícil acesso.

A conquista então iniciada originou uma sociedade diversificada. A sociedade colonial reunia pessoas e grupos de diferentes culturas, que viviam em condições desiguais. Europeus haviam migrado em busca de melhores condições de vida ou fugindo de perseguições religiosas. Os povos nativos tiveram suas terras invadidas e seus saberes apropriados.

Apesar do processo de colonização, muitos povos indígenas conseguiram evitar seu desaparecimento físico e cultural. A população sul-americana, entretanto, caracterizou-se pelo expressivo número de mestiços, resultado do contato entre europeus e nativos.

Os povos indígenas

Os primeiros missionários que alcançaram a região na qual foram fundados os povoados missionários encontraram diferentes povos indígenas que há muitos séculos já habitavam o continente americano. O conhecimento que hoje temos desses grupos está baseado nos estudos dos vestígios materiais já encontrados e na interpretação de documentos de época, em especial aqueles produzidos pelos missionários, como cartas e outros escritos em que registraram suas impressões.

De acordo com tais documentos, os indígenas organizavam-se em sociedades distintas. Alguns eram nômades, como os então chamados de Charrua, Minuano, Yaró, Guenoa, Gualacho e Coroado. Outros grupos, seminômades e horticultores, conhecidos como Tayoba. Guayaki e Kaiagua (de idioma Guarani) viviam em aldeias sazonais que podiam reunir, por vezes numa única habitação, centenas de famílias organizadas em famílias extensas.

Suas regras sociais foram rejeitadas pelos missionários. Práticas como a antropofagia ritual, a poligamia, o culto a elementos da natureza, como o sol e a lua,

bem como o uso cerimonial do cauim – bebida fermentada à base de mandioca ou milho – foram consideradas pecaminosas e condenadas pelos religiosos.

Muitos indígenas recorreram à guerra na tentativa de impedir a colonização de seus territórios ou se deslocaram para lugares distantes. Outros, entretanto, passaram a viver nas reduções fundadas pelos missionários.

Os Jesuítas

*“Quantos esforços não fará o Demônio para impedir a ruína de seu Império?
Quantos estorvos não teremos para estabelecer a Fé nestas nações?
Nada, porém, é capaz de assustar-me, nem as fadigas de que padeço,
nem os perigos que ainda vou enfrentar”.*
Padre Chomé, 1732.

A fundação das primeiras reduções por jesuítas, a partir de 1610, vinculava-se a diferentes interesses. Para a Coroa Espanhola, pacificariam os indígenas que se opunham ao avanço da colônia e fariam frente aos portugueses, também envolvidos na disputa pelas fronteiras americanas. Para a Igreja, tratava-se de uma forma de expansão da fé católica, que poderia compensar a perda de fiéis para as religiões nascidas durante as Reformas, como o luteranismo e o calvinismo. Para a recém criada Companhia de Jesus, tratava-se de uma importante tarefa apostólica, capaz de salvar almas até então condenadas ao inferno, e ao mesmo tempo em que contribuía para a legitimação da nova Ordem perante o restante do mundo.

De início, apenas um pequeno grupo de missionários entrou nas matas americanas, enfrentando dificuldades de todo o tipo. “Minha casa veio a ser a sombra de uma árvore”, lamentou o Padre Montoya durante sua entrada no Guairá, atual Paraná. Num segundo momento, os missionários construíram pequenas casas de barro, com cobertura de palha onde, segundo Montoya, a chuva insistia em penetrar. De acordo com relatos dos jesuítas, alguns sofreram ofensivas de uma “multidão de insetos”, como pulgas e piolhos, além de “gigantescas cobras” e até mesmo “tropéis de tigres ferozes”. A escassez de roupas fez com que andassem “uns sem camisas, outros sem meias e sapatos, outros sem as ceroulas e batinas”, disse o jesuíta Francisco Diaz Taño, em 1635.

Não raro, oposições indígenas os obrigarão a construir casas cercadas por paliçadas. Os jesuítas mortos na tentativa de catequizar nativos foram considerados mártires pela Companhia de Jesus.

Os conflitos e a dispersão da população missioneira

Em 1750, Portugal e Espanha firmaram o Tratado de Madrid, delimitando uma fronteira que dividia as terras em disputa: os Sete Povos das Missões, localizados na margem oriental do Rio Uruguai, seriam entregues aos portugueses, em troca da Colônia de Sacramento, que passaria a ser espanhola.

Caberia aos jesuítas conduzir a população missioneira, seus pertences e seu gado para novos povoados, localizados no “lado espanhol”.

Muitos indígenas recusaram-se a migrar. Alguns povoados tentaram argumentar acerca de seus direitos sobre os territórios, outros partiram para a defesa armada das reduções, sob lideranças indígenas como Sepé Tiaraju e Nicolau Ñenguiru. A eles juntaram-se outros grupos nativos que não viviam em reduções. Para combatê-los, portugueses e espanhóis uniram-se num exército fortemente armado. A Guerra Guaranítica (1754-1756) terminou com a derrota dos nativos.

Alguns sobreviventes foram para as reduções da margem direita do Rio Uruguai. Outros foram levados pelos portugueses, fundando aldeias que originaram os municípios gaúchos de Cachoeira do Sul e Gravataí. Em 1761, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de El Pardo, que anulava o Tratado de Madrid. Em 1768, por exigência da Coroa Espanhola, os jesuítas retiraram-se das terras americanas. Após a decadência das missões, os habitantes das reduções que haviam sobrevivido à guerra dispersaram-se pela região. Muitos juntaram-se a grupos que se mantiveram distantes do contato com os europeus. Outros integraram-se à sociedade colonial, trabalhando como peões nas estâncias, em tempos de paz, e incorporando-se às milícias, nas guerras de fronteira.

O trabalho de preservação

Na década de 1920 ocorreram as primeiras ações oficiais de preservação das ruínas de São Miguel Arcanjo, que tiveram sua importância histórica reconhecida pelo governo do Estado. Em 1937, o arquiteto Lucio Costa foi enviado à região missioneira pelo recém criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Em consequência dessa visita, já em 1938 os remanescentes da Redução de São Miguel Arcanjo foram tombados e passaram a ser oficialmente protegidos pelo governo federal. O trabalho de preservação que se seguiu teve episódios inusitados, que não ficaram registrados nos relatórios oficiais, mas mantiveram-se vivos nas recordações e histórias contadas por aqueles que os vivenciaram. Lucio Costa, Lucas Mayerhofer, o “velho Miguel”, João Hugo Machado, “Dona Teva”, Carlos Machado... Cada um, ao seu modo, viveu (e contou) parte da história da preservação das ruínas.

A formação do acervo do Museu das Missões contou com o empenho pessoal do seu primeiro zelador. João Hugo Machado dedicou grande parte da sua vida a

coletar e a cuidar dos remanescentes da redução. Algumas das imagens foram retiradas de casas particulares e de pequenas paróquias, onde eram cultuadas. Com isso, João Hugo viveu situações muitas vezes tragicômicas, como a que relata a seguir.

“Então tirei a imagem daquelas velhas de Bossoroca, não quiseram me entregar, facilitei muito tempo, e no fim... quebraram três imagens, e me rogaram tanta praga e me diziam que...eu saí num caminhão com o, o, 29, 27 nem 29, com um caminhão 27, e elas me rogaram praga, disseram :’ - Pega fogo esta porquera de vocês, tomara que pega fogo e queima”. “Pois olha saímos um pedaço, bem na frente da casa numa subida, não é que pega fogo mesmo no cano de gasolina, o Bentinho Azambuja, o finado já meteu a mão ali se queimou...”

João Hugo Machado, entrevista realizada em março de 1980.

As reduções

As reduções eram aldeamentos que contavam com uma igreja, moradias, colégio e oficinas, além de cemitério, estâncias e ervais. Tinham em média três mil indígenas, orientados por dois jesuítas e por caciques, cuja liderança era respeitada pelos religiosos. A população reducional era formada por diferentes grupos indígenas. Os Guarani eram maioria e seu idioma foi adotado como língua geral em todas as reduções. Por volta de 1626 teve início a ocupação do atual Rio Grande do Sul, com a fundação de reduções na área conhecida como Tape.

Pressionadas pelo avanço das frentes de ocupação espanhola e portuguesa, muitas famílias e comunidades, não raro já fragmentadas, passaram a viver entre os missionários para se protegerem das ameaças coloniais. Foram tempos difíceis. Nos seus primeiros cem anos, as reduções eram pequenos povoados, muito distantes do que as ruínas atuais sugerem. Sua população girava em torno de trezentas a mil pessoas. Oscilando devido às epidemias, guerras e fomes. Predominavam as cabanas feitas de adobe e telhas de palha, tanto nas casas, quanto nas igrejas, com uma fraca produção alimentícia. Povoados surgiram, outros desapareceram e muitos se dividiram. As reduções foram atacadas por bandeirantes paulistas a partir de 1628. Após muitos confrontos, jesuítas e índios missionários abandonaram a área, deslocando-se para a margem oriental do Rio Uruguai. Os atritos com bandeirantes só tiveram fim por volta de 1640, quando o tráfico de africanos escravizados para o Brasil voltou a acontecer, e os indígenas, treinados pelos jesuítas para o uso de armas de fogo, venceram a Batalha de M’Borore.

A partir de 1682 os jesuítas retornaram ao atual Rio Grande do Sul, fundando as reduções de São Borja (1682), São Nicolau (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Luiz Gonzaga (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706), posteriormente conhecidas como Sete Povos das Missões.

No século 18, as reduções entraram num período de franca expansão. O sucesso do comércio da erva-mate, uma estrutura social solidificada, o aparecimento de algumas grandes lavouras e estâncias, assim como a descoberta de locais adequados para extração de pedras para construção possibilitaram novas edificações.

Estâncias

A criação de gado em grande escala foi uma das tentativas de suprir a alimentação das populações reducionais, dando origem às grandes vacarias (áreas abertas onde o gado selvagem se multiplicava). Com o aumento populacional e comercial, tanto das cidades coloniais quanto das reduções, as vacarias foram dizimadas. As reduções criaram suas próprias Estâncias, habitadas por uma pequena população, responsável pela lida com o gado. As Estâncias de São Miguel e de Yapeyú estavam entre as maiores.

A introdução do gado e a formação de rebanhos livres pela ação dos missionários foram um importante fator de ocupação do sul, intensificada após a descoberta de ouro na região das Gerais. A área mineradora foi abastecida com o gado bovino e muar caçado e criado no atual Rio Grande do Sul, em terras que até então pertenciam aos nativos.

Áreas de cultivo

Terrenos eram distribuídos a cada uma das famílias indígenas ao redor da redução. Uma pequena choupana marcava o território do cultivo familiar, onde homens e mulheres se alternavam. Parte da produção deveria ser destinada ao armazenamento estratégico, para ser usada em tempos difíceis, determinação nem sempre atendida pelos nativos. Pequenas capelas com imagens de santos, assim como uma infinidade de cruces, representavam a proteção das divindades contra as intempéries da natureza, como tempestades e secas, bem como pragas de gafanhotos e formigas, muitas vezes responsáveis pela perda total das plantações.

Florestas, rios e ervais

Para garantir a subsistência e fundar reduções, os religiosos buscavam espaços que oferecessem a maior quantidade de recursos necessários à sobrevivência do povoado, como madeira para lenha e construções, caça, pesca e frutos silvestres.

Dos ervais extraíam a erva-mate, considerada sagrada pelos Guarani. Posteriormente, por meio do plantio sistemático, tornou-se importante produto de comercialização junto à colônia. Com o passar do tempo, especialmente no início do século 18, tanto pelo aumento da população, quanto pela exploração incessante dos recursos naturais, uma crise ecológica se abateu sobre as reduções. Já em 1730, o cenário ao redor dos povoados era desértico e desprovido de caça.

Fontes

Para suprir as necessidades de abastecimento das reduções foram criadas fontes ao redor dos povoados, formando um complexo sistema hídrico. Muitas delas foram adornadas. As mulheres as frequentavam diariamente, não apenas para recolher água para suas casas, mas também para se banharem com seus filhos. Os jesuítas mais experimentados recomendavam que se mantivessem sempre um ancião em cada uma destas fontes, responsável pela limpeza de árvores e macegas. Ao mesmo tempo, deveria impedir situações que pusessem em risco o “recato” das mulheres que ali se banhavam.

Cabildo

Espécie de conselho que reunia caciques, anciãos e jesuítas que, mediante debates e votação, avaliavam pedidos, julgavam os que desobedeciam as regras e aplicavam punições. Ao contrário da maioria da população, os cabildantes vestiam-se com os melhores tecidos e trajes, à semelhança dos espanhóis, além de carregarem varas que correspondiam aos seus postos. Diariamente, percorriam a redução a cavalo, fiscalizando todas as tarefas comunais, especialmente aquelas voltadas para a produção de alimentos.

Casa dos índios

Famílias indígenas que coabitavam na mesma casa comunal foram alojadas, nas reduções, em casas parcialmente divididas. Em cada espaço, uma família: “Aí dentro dormem pai e mãe, irmão e irmã, filhos e netos”. Conta o Padre Sepp, no final do século 17, “e sempre há uma fogueira acesa que enche a tudo de fumaça”. Conjuntos de casas formavam, segundo os missionários, verdadeiros bairros ou

cacicados, administrados pelos líderes Guarani, Gualacho, Charrua ou Guenoa, conforme a configuração étnica da redução. Os bairros recebiam nomes dos santos padroeiros, como Santa Maria ou São Miguel.

** Os textos (tópicos) publicados nesta página são os mesmos que estão afixados na sala de exposição da Casa do Zelador, no Museu das Missões.*